

# FLORESTAN FERNANDES E OS SEM TERRA<sup>1</sup>

Ademar Bogo<sup>2</sup>.

A vida de Florestan Fernandes apresenta uma tal riqueza de trajetórias que poderíamos abordá-la por inúmeras vias. Contudo, para nós, do MST, importam especialmente a persistência e a coerência do espírito revolucionário que o acompanharam em todos os momentos da sua vida, até mesmo antes de ele ter assumido plenamente uma consciência socialista.

Florestan antecipou-se ao seu tempo tornando-se um lutador das causas impossíveis, aquelas mais difíceis de serem conduzidas e realizadas. No final da vida, em paz consigo mesmo, afirmou que no *“meu tempo não houve revolução”* e só por isso não me foi possível ajudar a realizá-la.

Das inúmeras obras que produziu, a maior delas é a construção de si mesmo: *“não cumpro o caminho comum entre imigrantes, de aspirar à ascensão social e adotar as técnicas das classes dominantes. Fiquei fiel à minha origem social”*.<sup>3</sup>

Somente sua teimosa persistência ao estudo e sua garra na luta pela sobrevivência poderiam elevá-lo da infância miserável como menino de rua ao renomado sociólogo e ao reconhecido militante político.

O sofrimento da infância deu vigor às raízes que o tornariam coerente com os princípios políticos e revolucionários. Crítico do capitalismo e defensor intransigente do socialismo, para ele, nenhuma luta popular estava definitivamente perdida. Pensava que para que *“a esquerda ligada ao socialismo revolucionário e ao marxismo tivesse sucumbido (e assim estivesse condenada ao silêncio), seria necessário que o capitalismo da fase atual conseguisse uma equação definitiva para a chamada ‘questão social’. Não é o que ocorre. Os países centrais, ao atingirem a plenitude do capitalismo oligopolista automatizado, engendraram condições nas quais tende a aumentar a porcentagem da população desempregada e marginalizada”*.<sup>4</sup>

Essa convicção e clareza nas idéias decorriam do seu profundo conhecimento da sociedade brasileira. Na década de 1960, dedicou-se à sua obra de maior envergadura sociológica, **A Revolução Burguesa no Brasil**, onde procurou desvendar a origem e o

---

<sup>1</sup> Texto escrito por ocasião da Inauguração da Escola Nacional Florestan Fernandes, em janeiro de 2005 e revisado em junho de 2009.

<sup>2</sup> Membro da Coordenação Nacional do MST.

<sup>3</sup> Folha de São Paulo 22/01/1995, pg. 5

<sup>4</sup> Folha de São Paulo 20/08/1995.

desenvolvimento da burguesia em nosso país. Após explicar o processo de formação da burguesia, concluiu que, aqui, “... contamos com os dois tipos tidos como ‘clássicos’ de burguês: o que combina poupança e avidez de lucro à propensão de converter a acumulação de riqueza em fonte de independência e de poder; e o que encarna a ‘capacidade de inovação’, o ‘gênio empresarial’ e o ‘talento organizador’, requeridos pelos grandes investimentos modernos...”<sup>5</sup> Não querendo “explicar o presente pelo passado” mas sim indagar “quais foram e como se manifestaram as condições e os fatores histórico-sociais que explicam como e porque se rompeu, no Brasil, com o imobilismo da ordem tradicionalista e se organizou a modernização como processo social”,<sup>6</sup> será levado a concluir que a burguesia não teve condições de manter a revolução. “Por ser muito conservadora, reacionária e opressiva, a burguesia não se interessou pela revolução urbana nacional”.<sup>7</sup> Conformou-se com uma revolução interrompida, bem diversa das revoluções burguesas clássicas.

A revolução burguesa no Brasil não rompeu com a dependência imperialista, nem assumiu as bandeiras republicanas de uma sociedade liberal e democrática. Essa visão consistente das causas e conseqüências do capitalismo no Brasil levou Florestan a defender a necessidade do militante socialista atuar politicamente em duas frentes populares: a da revolução dentro da ordem, assumindo aquelas lutas de interesse popular que a burguesia abandonou, como a reforma agrária, a reforma urbana, a reforma educacional, etc. e da revolução contra a ordem, isto é, socialista.

Mais tarde, em 1984, escreveu o ensaio **O Que é Revolução**, onde se preocupa em recuperar o sentido da palavra em primeiro lugar para que ela tivesse um significado próprio e de serventia para a classe trabalhadora. E, a partir disso, para definir, resgatando de Marx e Engels, o significado da revolução para a luta de classes. “Uma revolução que, em sua primeira etapa, substituirá a dominação da minoria pela dominação da maioria; e, em seguida, numa etapa mais avançada, eliminará a sociedade civil e o Estado, tornando-se instrumental para o aparecimento do comunismo e de um novo padrão de civilização.”<sup>8</sup> São tarefas complexas e, para realizá-las, “o proletariado precisa, antes de mais nada, conquistar o poder”.

---

<sup>5</sup> Florestan Fernandes. A Revolução Burguesa no Brasil: Ensaio de Interpretação Sociológica. Editora Guanabara. 3ª edição 1987. R. de J., pg. 19 e 20

<sup>6</sup> Idem pg. 20 e 21

<sup>7</sup> Folha de São Paulo 20 agosto 1995 – 5-5

<sup>8</sup> Florestan Fernandes. **O que é a Revolução**. Brasiliense 1984. pg 14 e 15.

\*

Em todos os momentos da sua vida, seja na academia ou no parlamento, Florestan defendeu as causas libertárias e socialistas, e, acima de tudo, colocou seu conhecimento a serviço dessas causas.

Florestan tornou-se uma referência fundamental para os militantes das lutas populares, seja pelas características da sua personalidade, seja pelo seu compromisso com os valores e os princípios socialistas.

Por que será que os Sem Terra do MST têm profunda admiração por Florestan Fernandes, mesmo sendo ele um acadêmico, que escrevia em estilo erudito de difícil compreensão? Por que escolhê-lo como patrono da Escola Nacional de Formação Política? Por que tomar as suas idéias e lições de vida como referência? Afinal, por que Florestan, entre tantos e tantos outros de igual renome e respeito?

As razões são inúmeras, mas destaco apenas algumas que irmanam a sua identidade à dos Sem Terra.

### **1º – A origem de classe e a luta contra a exclusão social.**

Quando nasceu, em 22 de julho de 1920, na cidade de São Paulo, Florestan poderia ser denominado (como, mais tarde, os miseráveis o foram, pela mesma sociologia onde fez seu nome) de indigente. Filho de uma lavadeira portuguesa, analfabeta, aos 6 anos de idade precisou lutar para ajudar no sustento da família, trabalhando como engraxate.

Florestan nasceu como nascem todos os sem-terra antes de entrarem na luta: amargando a negação dos direitos sociais e predestinados a enfrentar as causas da sua exclusão, se não quiserem morrer de fome.

Mas a origem paupérrima não pode ser mantida como herança. A exclusão social não pode se tornar um bem; é preciso renegá-la. Buscar entre os escombros da miséria as condições para fazer o edifício da superação da indigência para uma vida de dignidade.

Florestan descobriu que poderia agarrar-se em suas próprias forças e lutar para que o estado de vida original não se tornasse destino, ditando-lhe como deveria viver o resto de seus dias; por isso, lutou contra a fome, o analfabetismo e a exclusão social.

Hoje, quando falamos de “alfabetização de adultos” ou de “escolarização” para jovens com idade elevada e achamos tudo isso um descalbro, recordamos as enormes

dificuldades que Florestan precisou enfrentar para poder estudar, antes de 1940. “*Não completou o curso primário. Fez o curso de madureza, como alternativa do secundário*”.<sup>9</sup> Interrompeu os estudos no terceiro ano do primeiro grau e só voltou a estudar lá pelos 17 anos.

Apesar de enfrentarmos as mesmas dificuldades, apesar de nascermos do outro lado do muro da exclusão, nós temos, hoje, uma organização que nos ajuda a percorrer os caminhos que nos levam à conquista dos nossos direitos, libertando-nos por dentro e por fora. Ele só tinha a si próprio. “*Eu não estava sozinho. Havia a minha mãe. Porém, a soma de duas fraquezas não compõe uma força. Éramos varridos pela ‘tempestade da vida’ e o que nos salvou foi o nosso orgulho selvagem (...)*”.<sup>10</sup>

Ao entrar, em 1941, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, continuou trabalhando, para se manter, como vendedor de produtos farmacêuticos.

Portanto, o que Florestan veio a ser no futuro passou por este desenho, riscado a ferro e fogo pelas dificuldades da sobrevivência para garantir uma sobrevida ao corpo e à mente.

A lição que nos fica deste momento da sua vida é que ele precisou aprender a lutar e a se defender. Enfrentou os desacertos da vida sem cair no desânimo e na acomodação. Acreditou em si mesmo, resistiu, persistiu; provou que as principais armas contra a exclusão social e a indigência são a auto-estima e a luta.

## **2º – A busca do conhecimento e a preparação de novos intelectuais.**

Florestan poderia ter se aproveitado do seu lugar na universidade para ascender como profissional da educação, preocupando-se mais com o salário e o status do que com a continuidade das pesquisas e do desenvolvimento intelectual e humano. Como nos diz Miriam L. Cardoso: “*Na universidade, não se contentou com abrir espaço apenas para a sua própria afirmação profissional. Dedicou-se a formar pessoas, educando-as para a tarefa científica, incutindo-lhes a necessidade de formação em profundidade, do rigor e da disciplina para a investigação científica sistemática. Incentivador do trabalho coletivo, não exigia, porém, identidades, mas reconhecia e aceitava de bom grado as diferenças. Seu intuito era construir equipes de trabalho*

---

<sup>9</sup> Otávio Ianni (Org) **Florestan Fernandes: Sociologia Crítica Militante**. Expressão Popular. SP, 2004, pg. 16

<sup>10</sup> Florestan Fernandes, *A Sociologia no Brasil*. Vozes. Petrópolis, 1977, pg.142-3.

*capazes de produção autônoma e de alto nível, para o que oferecia os maiores estímulos de que pudesse dispor”.*<sup>11</sup>

Com esse comportamento crítico e aberto, voltado para a busca do conhecimento, nos deixou a lição da necessidade de preparar militantes e dirigentes em grande quantidade para que possamos conduzir nossos projetos pelos caminhos coerentes da transformação. Seu método de trabalho coletivo demonstra que o individualismo não contribui para o avanço da luta de classes, seja na busca do conhecimento, seja nas tarefas de direção ou na necessária descentralização do poder.

A sua visão de que o conhecimento é um direito universal aberto a todos, assemelha-se à nossa preocupação de que a luta pela terra precisa continuar até o dia em que todas as famílias de trabalhadores Sem Terra conquistem o seu lugar como espaço de libertação.

O desejo de multiplicar as pessoas beneficiadas pelo acesso aos bens de sobrevivência material e espiritual é o combustível que incendeia um movimento de massas como o MST quando se apropria das idéias e da vida de Florestan Fernandes.

A formação da consciência é o maior patrimônio que um povo pode construir. Isto não passou despercebido por Florestan Fernandes. Há um desejo que percorre sua vasta obra: o de construir uma interpretação sociológica da sociedade brasileira - desde o folclore, os índios, os negros, os problemas sociais decorrentes da exclusão, da exploração e da dominação, a revolução como meio de luta – que contribua para a construção do socialismo como realização de um anseio de justiça e de igualdade.

Sua virtude foi a de não ficar limitado à mera produção de conhecimentos, tornando-se um incentivador do trabalho de preparação de pesquisadores capazes de prosseguir na busca de soluções às questões sociais. A defesa da necessidade de produzir novas gerações preparadas para avançar já bastaria para justificar porque ele se tornou o nome da nossa escola de formação política.

### **3º – A busca de saídas imediatas e a preocupação com o futuro.**

Embora grande parte da vida de Florestan estivesse voltada para a revolução e o socialismo, ele não se distanciava das causas imediatas na busca do fortalecimento da luta de classes e na construção de alternativas para as conquistas sociais.

---

<sup>11</sup> Miriam Limoeiro Cardoso. Revista Adusp. Pg 31

Além da carreira de professor, onde fez da sociologia a sua arma de combate contra a classe dominante, em 1986, com o lema “*contra as idéias da força, a força das idéias*”, concorreu e foi eleito deputado federal, com a tarefa de ajudar a elaborar a nova Constituição do Brasil.

Florestan fora afastado da Universidade de São Paulo, após o golpe militar de 1964. Fora obrigado, como tantos outros, a ir para o exílio e, em seu retorno, começa a enfrentar as “idéias da força” da ditadura com a única arma da “força das idéias” democráticas e socialistas. Na Constituinte, luta com seus companheiros de bancada para que a Constituição assuma as necessidades imediatas e de longo prazo da classe trabalhadora.

O fim da ditadura militar, em 1985, e a transição para a “Nova República”, foi um marco decisivo na luta das forças políticas democráticas e socialistas. O MST estava começando a construir suas bases, mas já participava da campanha pelas eleições diretas e empenhou-se na campanha pela eleição de deputados constituintes que representassem os anseios das lutas populares.

Como Florestan, também nós pensávamos que a luta pela transformação da sociedade brasileira passava pelas lutas imediatas, e, enquanto os deputados elaboravam o texto da constituição, onde queriam fazer valer “a força das idéias”, nós recolhíamos assinaturas para incluir, através da força popular, uma lei que tratasse claramente da reforma agrária e intensificávamos as ocupações de terra para forçar o governo a agir contra o latifúndio.

Florestan foi reeleito para mais um mandato, em 1990. A conjuntura da época era bastante delicada: um ano antes, caíra o Muro de Berlim e, logo em seguida, a União Soviética desintegrou-se. Mas Florestan não teve dúvidas; enquanto muitos passaram a renegar o marxismo e as idéias revolucionárias, ele disputou a eleição com o lema “*sem medo de ser socialista*” e venceu.

Vários atos públicos em defesa do socialismo foram organizados e ele sempre se fez presente. Ali, no meio dos trabalhadores, lá estava ele levantando o punho esquerdo em sinal de fidelidade às idéias socialistas.

Por fim, é importante recordar que Florestan Fernandes era um homem de princípios inabaláveis. Mesmo no parlamento, não se deixou corromper nem cooptar pelas classes dominantes e seus representantes. Avesso a qualquer tipo de privilégio,

sempre procurou manter a simplicidade, a coerência política e os princípios que defendia.

Quando escolhemos o seu nome para a nossa Escola de Formação Política, queríamos que o nome representasse mais do que a identidade do estudo e da coerência individual. Acima de tudo, queríamos um exemplo de conduta para os dirigentes e militantes do MST. Queríamos conservar dele, em qualquer tempo, uma matriz que nos produzisse na sua mesma textura de caráter e de conduta.

Inicialmente, seu nome foi lembrado para representar o Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (ITERRA), que funciona em Veranópolis, no Rio Grande do Sul. Mas a Direção Nacional do MST achou melhor guardar o nome para a Escola Nacional. Para o ITERRA foi escolhido o nome de Josué de Castro, geógrafo de reconhecimento internacional e eminente cidadão brasileiro.

No segundo semestre de 1997, tornamos oficial o nome de Florestan Fernandes para a nossa Escola Nacional de formação de quadros, no Centro de Formação da EMBRAPA (CALIR), em Vitória do Espírito Santo, durante a realização do curso de formação de dirigentes, com uma placa de papelão, onde as letras, com o nome da Escola, foram moldadas em grãos de milho e arroz, como uma brincadeira de crianças. Naquela cerimônia, escrevemos:

*“O capitalismo e o imperialismo em todos os tempos roubaram a força de trabalho, os direitos dos trabalhadores, mas jamais conseguiram roubar os nossos sonhos.*

*Se a luta de classes é o motor da história, o conhecimento é o combustível que faz este motor funcionar permanentemente.*

*Nos reunimos hoje, não para falar, mas para contemplar este sonho que ao longo do tempo construímos: a fundação de nossa Escola Nacional de Formação Política.*

*Esta escola não tem lugar e nem paredes, diferente de tantas outras que se perdem na burocracia.*

*Nossa escola é igual a nós: ambulante, humana, feita não de pedras, mas de gente, de jovens que, com dificuldades, constroem o futuro.*

*Fazemos isto porque somos iguais a todos os povos do mundo que, junto com seus líderes e organizações, decidiram ser livres.*

*Somos iguais aos bolcheviques, que criaram a primeira Escola de Formação Política, em 1911, em Paris, porque a repressão na Rússia não deixava que sequer se reunissem.*

*Somos como Fidel e o Che, que fizeram de Cuba uma grande Escola de Formação Política de todo o povo.*

*Aprendemos com os revolucionários do marxismo, como Lênin, que desenvolveu a teoria da formação de quadros, baseada em três aspectos, que não podemos esquecer:*

- a) ter uma organização sólida;*
- b) uma definição estratégica clara e,*
- c) distribuir corretamente as tarefas.*

*Entendemos a formação dentre tantas outras coisas como:*

- Estudo – aprender a entender e a interpretar a realidade;*
- Lutas – transformar a realidade;*
- Trabalho – construir o que queremos;*
- Convivência – ser o que sonhamos.*

*O nome da nossa escola é de um grande lutador brasileiro. Desbravador do pensamento sociológico, defensor da luta de classes e do socialismo. É nosso grande companheiro Florestan Fernandes (entra a bandeira e a placa com o nome da escola).*

Foi impossível manter esse nome, de tamanha expressão, confinado num único espaço, como é o caso da Escola Nacional de Formação Política, situada, posteriormente, em Guararema, São Paulo, embora os cursos funcionem em todo o Brasil. Com o dinamismo natural do movimento de massas, o nome de Florestan, ao se tornar conhecido da militância, por suas características pessoais, foi se tornando patrimônio popular e, hoje, podemos vê-lo destacado em placas identificando acampamentos e assentamentos; turmas de formandos nos cursos de nível médio ou de graduação; nas brigadas de organização; nos núcleos de base ou nas palavras de ordem, como esta *“Florestan Fernandes! Não se deixar esmagar, não se deixar cooptar, lutar sempre!”*. Ou então, *“Florestan Fernandes, não dá para esquecer, seu nome está presente, no MST”*.

Acreditamos que somos como as florestas; elas sabem que sem respeito pelos velhos troncos, não haverá sementes.



Lutar é também cuidar das referências para que elas, como símbolos, permaneçam vivas. Estimamos Florestan por ter deixado a si próprio como herança.